ISSN 1983-9979
prolíngua

LÍNGUA INDÍGENA DE SINAIS: A COMUNIDADE SURDA GUARANI-MBYÁ DA ALDEIA SAPUKAI

SIGN INDIGENOUS LANGUAGE: THE DEAF GUARANI-MBYÁ COMMUNITY OF THE SAPUKAI VILLAGE*

YVYRAIJÁ AYVU NHANDEREKO: GUARANI MBYÁ KUAA E'ỸVA KUERY TEKOA SAPUKAI PYGUA

Angela C. F. Baalbaki[1]
Luciane C. Silveira[2]
Joice Bianca M. L. Pinto[3]
Daniel M. Sobral[4]
Julliana A. da Cunha[5]
Ana Beatriz de M. Arruda[6]
Juliana C. Chagas[7]
Gustavo P. Ribeiro[8]
Ana Paula D. Tostis[9]
Milena de S. C. Pinho[10]

RESUMO: O artigo aborda a diversidade linguística, com foco em contextos socioculturais específicos, como os das comunidades indígenas e surdas. Embora a Língua Brasileira de Sinais (Libras) seja reconhecida legalmente no Brasil como meio de comunicação e expressão, observa-se a existência de outras práticas linguísticas ainda pouco descritas, sobretudo aquelas que emergem em comunidades indígenas. O objetivo do trabalho é apresentar um relato de uma pesquisa de campo, de base etnográfica, realizada na Aldeia Sapukai, pertencente à etnia Guarani-Mbyá, localizada no município de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro. A ação teve como foco o levantamento e a catalogação de sinais produzidos por indígenas surdos e ouvintes da comunidade. A relevância da pesquisa reside na ampliação do conhecimento sobre línguas de sinais em contextos indígenas, contribuindo para a

* Data de Submissão: 15.07.2026 – Data de Aceite: 28.09.2026 | DOI 10.22478/ufpb.1983-9979.2026v21n1.78845

[1] Angela Corrêa Ferreira Baalbaki, Doutora em Letras, UERJ, angelabaalbaki@hotmail.com, https://orcid.org/0000-0001-9295-7923. Conceitualização, Metodologia, Administração do projeto, Escrita - revisão e edição.
[2] Luciane Cruz Silveira, Doutora em Linguística, INES, lucianecruzsilveira72@gmail.com, https://orcid.org/0000-0002-8302-8388. Curadoria de dados, Escrita - esboço original, validação.
[3] Joice Bianca Marques Leite Pinto, Especialista em Educação Especial e Inclusiva, UERJ, joicebiancapinto@gmail.com, https://orcid.org/0000-0001-9915-8139. Supervisão, Escrita - revisão e edição, Escrita - esboço original.
[4] Daniel Mendes Sobral, Mestrando em Linguística, UERJ, sobral.m.dan@gmail.com, https://orcid.org/0009-0005-1068-5845. Escrita - esboço original, Visualização.
[5] Julliana Azevedo da Cunha, Mestranda em Educação Bilíngue, INES, cjulliana25@gmail.com, https://orcid.org/0009-0008-6103-4075. Escrita - esboço original
[6] Ana Beatriz de Mamedes Arruda, Graduanda em Letras, UERJ, beatrizarruda022.2@gmail.com, https://orcid.org/0009-0004-2409-781X. Escrita - esboço original.
[7] Juliana Carvalho Chagas, Graduanda em Letras, UERJ, jubscarvalho.c@gmail.com, https://orcid.org/0009-0000-5266-8051. Escrita - esboço original
[8] Gustavo Pavão Ribeiro, Graduando em Engenharia Cartográfica, UERJ, pavaao03@gmail.com, https://orcid.org/0009-0006-1818-0179. Escrita - esboço original, Visualização.
[9] Ana Paula Dias Tostis, Especialista em Educação de Surdos, UERJ, p.tostis@gmail.com, https://orcid.org/0000-0002-8228-8620. Escrita - esboço original, Visualização.
[10] Milena de Souza Caldas Pinho, Graduada em Letras, UERJ, milena.scpinho@gmail.com, https://orcid.org/0000-0003-2645-9867. Escrita - esboço original.

ISSN 1983-9979
prolíngua

valorização das práticas comunicativas próprias dessas comunidades. Com o resultado, tem-se a identificação e a documentação de sinais emergentes. A descrição da experiência de campo e dos exemplos de sinais coletados contribui para a sistematização dessas práticas linguísticas ainda invisibilizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade linguística. Etnolinguística. Línguas indígenas de sinais. Guarani-Mbyá. Libras.

ABSTRACT: This article addresses linguistic diversity, focusing on specific sociocultural contexts such as those of Indigenous and Deaf communities. Although Brazilian Sign Language (Libras) is legally recognized in Brazil as a means of communication and expression, there are other, less-documented linguistic practices, particularly those emerging within Indigenous communities. This paper presents an account of ethnographic fieldwork conducted at the Sapukai Village (Guarani-Mbyá ethnic group) in the municipality of Angra dos Reis, Rio de Janeiro state. The study focused on identifying and cataloging signs produced by both Deaf and hearing Indigenous members of the community. The research is significant for expanding knowledge about sign languages in Indigenous contexts, thereby contributing to the appreciation of these communities' unique communicative practices. The study resulted in the identification and documentation of emerging signs. Describing the fieldwork experience and the collected examples of signs contributes to the systematization of these linguistic practices, which have hitherto remained invisible.

KEYWORDS: Linguistic diversity. Ethnolinguistics. Indigenous sign languages. Guarani-Mbyá. Libras.

ÑEMOMBYKY: Ko artigo ma ogueru ko ayvy regua ha´ejavi regua, oma´ẽ ha´ejavi gua regua, ha´eramo tekoa py gua ijapyxa he´y va´e kuery pe. Ko Ayvu de Sinais (Libras) oim ae jepe Brasil py jovai gui nhoendu ha´e joexa aguã, onhema´ẽ ramo oim aeje pe mbovy´i ete teri oim kuaxia para kova´e ayvu regua, noim mba´eve ete va´ema tekoa py gua kuery pe guarã. Kova´e kuaxia para ma ogueru peteim trabalho de kampo ojejapo va´e kue tekoa Guarani-Mbyá Sapukai município Angra dos Reis, Rio de Janeiro pygua. Ha´evy ma ko ogueru iparaa ha´e oexauka ko tekoa py gua kuery ijapyxa he´y va´e kuery ojapo va´e kue, onhepytyvõ aguã ha´e omombaraete aguã ayvu ko tekoa pygua. Kova´e nhemba´apo ma ogueru ojexauka kuaxia kova´e regua mba´eko kova´e ayvu regua ma mba´eve teri ndojekuaai[11].

AYVU TENONDEGUA: Ñe'ẽ joavy. Etnolinguística. Avá ñe'ẽ po pygua. Guarani-Mbyá. Libras rehegua.

1 Introdução

A diversidade linguística constitui um dos elementos centrais para a compreensão das múltiplas formas de comunicação humana, especialmente quando se consideram contextos socioculturais específicos, como os das comunidades indígenas e surdas. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão (Brasil, 2002), contudo, observa-se a existência de práticas linguísticas diversas que emergem em contextos comunitários particulares, muitas vezes ainda pouco documentadas ou sistematizadas. Nesse cenário, destaca-se a relevância dos estudos etnolinguísticos (Sousa; Antunes, 2017; Costa; Bezerra; Nascimento, 2022) voltados à investigação das línguas de sinais

[11] Agradecemos ao cacique, professor e intelectual indígena Joel Kuaray Pereira, da Aldeia Arandu Verá da Terra Indígena Mato Preto, no município de Erebango, RS, pela tradução do resumo para a língua Guarani-Mbyá.

em comunidades indígenas, especialmente no que se refere aos processos de emergência, uso e transmissão desses sistemas linguísticos.

Diante dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo apresentar um relato pormenorizado de uma pesquisa de campo realizada na Aldeia Sapukai, pertencente à etnia Guarani-Mbyá, localizada no município de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro. A atividade ocorreu no dia 2 de maio de 2025, em período integral, e contou com a participação de bolsistas de graduação, discentes de mestrado, um servidor intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras), coordenadora, supervisora e demais participantes externos vinculados ao já citado projeto "Estudos sobre bilinguismo: elaboração de materiais para o ensino de línguas para alunos surdos" da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A ação teve como foco o levantamento e a catalogação de sinais[12] produzidos por indígenas surdos e ouvintes da referida comunidade.

Justificamos a relevância desta pesquisa pela necessidade de ampliação do conhecimento acerca das línguas de sinais utilizadas em contextos indígenas, considerando suas especificidades culturais, sociais e linguísticas. Além disso, consideramos que a investigação contribui para o fortalecimento de políticas de inclusão linguística e educacional, bem como para a valorização das formas próprias de comunicação dessas comunidades.

A presente ação está inserida em uma proposta mais ampla de mapeamento linguístico, cujo objetivo consiste na identificação e documentação da emergência de sinais em diferentes comunidades surdas brasileiras. Como desdobramento, pretendemos realizar a produção de materiais audiovisuais a serem divulgados nas redes sociais do projeto, com vistas à disseminação de conhecimentos linguísticos acerca de outras línguas de sinais presentes no estado do Rio de Janeiro, bem como à contribuição para a sistematização da língua de sinais utilizada na Aldeia Sapukai.

No que se refere à contextualização territorial, a Aldeia Sapukai teve seu processo de reconhecimento iniciado em 1982, sendo demarcada em 1989 e homologada e registrada em 1995, abrangendo uma área de 2.128 hectares (Brasil, 1995). Tal contexto histórico e territorial é fundamental para a compreensão das dinâmicas socioculturais que influenciam as práticas linguísticas da comunidade.

Quanto à organização do artigo, este se encontra estruturado em quatro partes. Inicialmente, apresentamos os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados, seguidos do relato da experiência, elaborado a partir de registros em diário de campo, bem como da caracterização da aldeia e do grupo de indígenas surdos presentes. Na terceira parte, dedicamos à abordagem de aspectos relacionados à etnolinguística (Sousa; Antunes, 2017) e cosmologia da etnia Guarani-Mbyá (Ladeira, 1994; Litaiff, 1991; Moreira; Moreira, 2015). Por fim, na quarta parte, apresentamos alguns sinais

[12] Consideramos que se trata do processo de catalogar e de descrever a emergência de uma língua, entendendo que "Língua Indígena de Sinais" e "emergência" não são denominações necessariamente excludentes. A primeira pode funcionar como uma categoria de identificação e valorização linguística e sociocultural, enquanto a segunda caracteriza o processo de constituição, circulação e estabilização das práticas observadas no território pesquisado. Ao justificar sua opção terminológica e política, Santos (2023) explicita: "Todas as línguas de sinais que não são institucionais ou estabelecidas são chamadas por alguns autores como línguas de sinais emergentes (Fusellier-Souza, 2004; Guen, Safar e Coppola, 2020), porém, neste trabalho, o termo adotado é Línguas de Sinais Indígenas, como forma de valorização da cultura linguística desses povos, garantia de direitos, sobretudo, pela demarcação de um território de estudo e de conhecimento que está em grande expansão no Brasil e no mundo." (p. 77). Seguimos a posição do referido autor.

produzidos pelos indígenas, seguidos das considerações finais, nas quais se sistematizam as principais reflexões decorrentes da nossa pesquisa.

2 Procedimentos metodológicos mobilizados

No que tange aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracterizou-se como participante com intervenção. Apesar do tempo restrito destinado à realização do trabalho de campo, constatamos modos de vivência e de produção de uma língua de sinais autóctone.

O estudo foi desenvolvido em seis etapas subsequentes: i) levantamento bibliográfico na área; ii) leitura e discussão dos textos selecionados ao longo de dois semestres letivos; iii) solicitação de autorização para visita à aldeia; iv) encaminhamento de pedido à administração central da universidade para apoio à realização da atividade de campo; v) após a aprovação das solicitações, realização de visita à aldeia, com o objetivo de delimitar e coletar amostras de itens linguísticos; vi) organização de encontros do grupo de pesquisa para discussão, análise e descrição dos sinais, bem como definição dos demais encaminhamentos investigativos.

Inicialmente, procedemos a uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos CAPES, contemplando produções publicadas entre 1980 e 2024 que abordassem as temáticas das Línguas Indígenas de Sinais (LIS) e dos Guarani-Mbyá. Para tanto, foram utilizados os descritores "línguas indígenas de sinais" e "Guarani-Mbyá". Os trabalhos foram selecionados com base em critérios de relevância e qualidade, considerando suas contribuições teórico-metodológicas para a coleta e análise de dados em línguas de sinais.

Passada a etapa de levantamento bibliográfico e de estudos sobre a temática, realizamos a visita à Aldeia Sapukai. Durante a visita, a coleta de dados ocorreu de forma interativa, articulando observação e registro dos sinais produzidos pelos participantes. Esse processo nos possibilitou, simultaneamente, o aprofundamento do conhecimento sobre a cultura e a organização social da etnia, a partir das trocas estabelecidas no contexto da pesquisa. Destacamos o uso de jogos como estratégia metodológica para favorecer uma interação mais espontânea com os jovens indígenas surdos.

Cabe ressaltar que os registros dos sinais foram realizados por meio de gravações, nas quais os próprios pesquisadores reproduziam os sinais aprendidos, além de anotações descritivas e esboços gráficos.

Articulando essas etapas à perspectiva da etnolinguística, compreendemos que a investigação da descrição formal dos sinais também se inscreve na relação indissociável entre língua, cultura e práticas sociais. Ressaltamos, ainda, a necessidade de constante autoavaliação dos procedimentos e materiais utilizados, considerando as especificidades do contato linguístico com comunidades indígenas surdas e as múltiplas possibilidades de abordagem desse campo de investigação.

3 Descrição da aldeia e do grupo de surdos

A população Guarani localizada no Brasil está dividida em três subgrupos: Mbyá, Kaiowá e Nhandevá. Essa divisão ocorre em razão das diferenças linguísticas, culturais e religiosas existentes entre os grupos, resultantes dos processos migratórios vivenciados historicamente por esse povo (Ladeira, 1994).

Entre os territórios ocupados pelo povo Guarani-Mbyá encontra-se a Aldeia Sapukai, localizada no distrito de Bracuí, no município de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, aproximadamente seis quilômetros da rodovia BR-101. De acordo com dados do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2022, a comunidade é composta por 339 indígenas. O processo de reconhecimento da Terra Indígena Guarani de Bracuí teve início em 1982; sua demarcação ocorreu em 1989 e a homologação e registro foram concluídos em 1995, abrangendo uma área de 2.128 hectares (Brasil, 1995).

Segundo Costa, Bezerra e Nascimento (2022), o povo indígena constitui uma categoria social fundamentada em experiências compartilhadas historicamente por seus membros e ancestrais, bem como em tradições histórico-culturais que os distinguem de outros grupos sociais. Nesse sentido, os Guarani Sapukai apresentam características culturais próprias que os diferenciam de outras etnias indígenas do estado do Rio de Janeiro.

Entre essas particularidades, destaca-se o não uso cotidiano de vestimentas tradicionais e a utilização mais restrita de pinturas corporais, geralmente associadas à representação de status social, estado civil, gênero e autoridade. Em relação à alimentação, a comunidade não consome carne bovina ou suína, baseando sua dieta principalmente em frango, legumes e alimentos cultivados em sistema de rodízio agrícola, prática adotada devido às condições do solo da região. As crenças religiosas da aldeia estão fundamentadas na existência de Nhanderu, considerado o deus primordial, e Nhandexy, a deusa-mãe. A aldeia também possui uma construção denominada Casa de Reza, espaço sagrado destinado às práticas religiosas coletivas.

No que se refere à comunidade surda da aldeia, atualmente há quatro indígenas surdos identificados, considerados os primeiros casos de surdez registrados na Sapukai. Os jovens possuem 12, 16, 21 e aproximadamente 30 anos de idade, sendo os dois mais velhos irmãos e o mais novo primo deles.

Na cosmologia Guarani-Mbyá, é comum que as crianças iniciem a fala entre os seis e oito anos de idade, razão pela qual a demora no desenvolvimento da oralidade não desperta preocupação imediata entre os familiares. Assim, a descoberta da surdez ocorre, em geral, tardiamente.

Segundo Moreira e Moreira (2015), para os Guarani, o conhecimento é construído a partir da relação espiritual e experiencial com o mundo, sendo transmitido às futuras gerações por meio das vivências coletivas e dos ensinamentos culturais. Nesse contexto, os sujeitos surdos enfrentam dificuldades no acesso pleno aos elementos tradicionais da cultura Guarani, especialmente devido às barreiras linguísticas existentes.

4 Memorial dos pesquisadores: um olhar ao diário de campo

A Aldeia Guarani Sapukai está localizada próxima à área urbana do município de Angra dos Reis, no distrito de Bracuí, a aproximadamente seis quilômetros da Rodovia BR-101. O acesso à aldeia ocorre por uma estrada íngreme e estreita, que, apesar de asfaltada, apresenta certo grau de dificuldade para veículos maiores.

No dia da visita, o clima estava ensolarado, favorecendo a paisagem local. Durante o trajeto, foi possível contemplar a vista da chamada “costa azul”, em que o mar e o céu pareciam se encontrar em tons intensos de azul, compondo um cenário marcante da região.

Como já apontamos, a visita à Aldeia Sapukai foi realizada no dia 2 de maio de 2025. A atividade integrou as ações do grupo de pesquisa “Estudos sobre bilinguismo: elaboração de materiais para o ensino de línguas para alunos surdos”. Participaram da visita sete bolsistas, a professora coordenadora do projeto, uma supervisora (bolsista PROATEC), uma intérprete de Libras, uma professora surda (INES) e voluntários do projeto.

O roteiro da visita à aldeia teve início no Colégio Estadual Indígena Guarani Karai Kuery Renda, instituição que atende os dois segmentos do Ensino Fundamental. Para chegar à

escola, foi necessário subir uma rua bastante íngreme, o que exigiu habilidade do motorista da van, que precisou realizar parte da subida de ré devido à estreiteza do caminho.

A escola encontra-se em processo de reforma e apresenta melhorias significativas em sua estrutura física. O espaço recebeu novas carteiras, aparelhos de ar condicionado, lousas apropriadas para uso de caneta e uma grande cisterna para armazenamento de água. Além disso, a quadra possui piso de cimento e as áreas externas já foram pintadas. Apesar das obras, as aulas continuam acontecendo normalmente.

Entretanto, no dia da visita, não nos foi possível observar atividades pedagógicas em andamento, pois a data correspondia a um ponto facultativo. Ainda assim, foi possível registrar informações importantes sobre a organização escolar, como os quadros de horários e as disciplinas ofertadas às turmas. Verificamos a presença da cultura Guarani-Mbyá, cuja tentativa de perpetuação se sustenta na articulação entre os conteúdos previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e os saberes tradicionais indígenas, tais como a cosmologia, as práticas educativas próprias e o ensino de Guarani.

Ao chegarmos ao centro da aldeia, fomos recebidos pelas crianças indígenas e por uma jovem liderança local, responsável por apresentar a história da comunidade, o número de famílias residentes, aspectos da alimentação e informações sobre os indígenas surdos da aldeia e seus familiares. Desde os primeiros contatos, tornou-se evidente que a comunicação cotidiana entre os indígenas ouvintes ocorre prioritariamente na língua indígena, enquanto o português é utilizado como língua de contato com visitantes externos.

A visita proporcionou um mergulho em um contexto de fronteiras linguísticas e culturais que atravessam diretamente a experiência dos sujeitos surdos indígenas. Segundo Sturza (2006), as fronteiras constituem espaços de contato entre culturas, línguas e identidades. Nessa perspectiva, Figueira (2016) destaca que as línguas de sinais também ocupam esses espaços de encontro e tensão linguística.

Anteriormente à visita, o grupo havia sido informado sobre a existência de quatro indígenas surdos na aldeia; entretanto, apenas três participaram do encontro: um indígena de 21 anos; uma indígena de 16 anos; e um indígena de 12 anos. O quarto indígena surdo, de aproximadamente 30 anos, não estava presente no momento da visita. Os três jovens estudam fora da aldeia devido à ausência de intérprete de Libras no Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda. Por esse motivo, frequentam diariamente a Escola Municipal Bilíngue de Surdos, localizada no centro do município de Angra dos Reis, enfrentando longas horas de deslocamento e, consequentemente, um distanciamento parcial da vivência cotidiana da cultura local.

Entre os três jovens, o indígena de 21 anos apresentou maior fluência em Libras e desenvoltura na interação com o grupo. Recém-formado no Ensino Fundamental, relatou dificuldades para dar continuidade aos estudos pela inexistência de Ensino Médio na escola bilíngue frequentada. A jovem de 16 anos demonstrou entusiasmo e participação, embora ainda apresentasse certa timidez em sua sinalização. O indígena mais novo, por sua vez, mostrou-se inicialmente retraído, mas gradativamente passou a interagir de forma espontânea durante as brincadeiras e atividades propostas.

Durante as observações, constatou-se que apenas os jovens surdos dominam a Libras. A comunicação com seus familiares e demais membros da aldeia ocorre, predominantemente, por meio de sinais caseiros — gestos construídos no cotidiano familiar a partir das necessidades comunicativas. Tais sinais apresentam forte caráter visual e alto grau de iconicidade, aproximando-se do que Goldin-Meadow (2003) denomina *homesigns*. Essas formas comunicativas não devem ser compreendidas como versões incompletas da Libras, mas como

sistemas legítimos de criação linguística desenvolvidos em contextos de ausência de acesso formal a uma língua de sinais.

Ao longo da visita, foram realizadas conversas, observações e registros audiovisuais. O grupo se dividiu para reunir o maior número possível de informações acerca da comunicação, da educação e da transmissão cultural dos sujeitos surdos na aldeia. Conversamos principalmente com os pais dos jovens surdos, todos ouvintes, que relataram o processo de descoberta da surdez dos filhos. Segundo os familiares, na cosmologia Guarani-Mbyá é comum que as crianças iniciem a fala apenas por volta dos oito anos de idade, pois acreditam que "o espírito da fala" se manifesta no tempo próprio de cada criança. Dessa forma, a demora na produção da fala não foi inicialmente interpretada como indicativo de surdez.

O diagnóstico ocorreu tardiamente, após encaminhamento de profissionais da saúde para exames audiométricos realizados em postos de saúde da região. Ainda assim, os relatos demonstraram que a surdez não gerou preconceito ou exclusão dentro da comunidade. Os jovens são reconhecidos como integrantes legítimos da aldeia e participam das atividades coletivas e da convivência comunitária.

Apesar desse acolhimento cultural, a ausência de políticas públicas voltadas à inclusão linguística evidencia uma situação de vulnerabilidade. Os familiares demonstraram interesse em aprender Libras e reconheceram sua importância para a comunicação e o fortalecimento dos vínculos afetivos. No entanto, não existe oferta institucional de ensino da Libras na aldeia, tampouco intérpretes atuando na escola indígena.

Um dos aspectos mais marcantes observados foi a criatividade comunicativa das famílias e das crianças. Os sinais caseiros revelam estratégias construídas a partir da observação da natureza, das atividades cotidianas e das relações familiares. Em muitos momentos, percebeu-se que os surdos se comunicam de forma significativa com as demais crianças da aldeia, especialmente durante as brincadeiras.

Também foram observadas questões relacionadas à transmissão cultural. Embora os jovens surdos participem dos rituais, encontros comunitários e demais práticas culturais da aldeia, o acesso direto aos ensinamentos orais ocorre de forma limitada devido à barreira linguística. A Casa de Reza, espaço central da espiritualidade Guarani, encontrava-se temporariamente desativada por falta de estrutura, mas os rituais cotidianos continuam sendo realizados nas residências da comunidade. Segundo os responsáveis, mesmo que os jovens surdos não tenham acesso pleno aos ensinamentos tradicionais pela oralidade, é fundamental que tenham acesso à educação e à comunicação formal. Afinal, o domínio de formas de comunicação não indígenas (no caso da Libras e do português escrito) possibilita que os jovens também atuem em defesa da própria comunidade e representem a aldeia em diferentes espaços sociais.

No que se refere aos aspectos culturais da aldeia, observou-se que a alimentação se baseia principalmente em peixe, frango, ovos, aipim, batata-doce, banana e milho. A economia local é sustentada pelo plantio em sistema de rotação, pela produção artesanal em madeira e por auxílios governamentais. Também foi possível observar que o uso de vestimentas tradicionais e pinturas corporais ocorre principalmente em festas, rituais e ocasiões especiais. As pinturas feitas com carvão e jenipapo possuem significados relacionados à idade, ao gênero e ao status social dentro da cosmologia Guarani.

5 Cosmologia: uma visão entre cultura e língua de um povo

Os estudos em etnolinguística buscam compreender as relações entre língua, cultura e sociedade. Nessa perspectiva, propomos verificar a ligação entre a língua Mbyá e a cultura do

povo indígena da Aldeia Sapukai, considerando especialmente os aspectos cosmológicos e linguísticos que atravessam a vivência dos indígenas surdos. Segundo Sousa e Antunes (2017), a etnolinguística dedica-se ao estudo das variedades e variações da linguagem em sua relação com a civilização e a cultura.

Entre os diferentes ramos da etnolinguística, destaca-se a etnoterminologia, compreendida como um campo da Terminologia voltado para a análise dos fenômenos lexicais inseridos nos discursos culturais e etnoliterários. De acordo com Costa, Bezerra e Nascimento (2022), a etnoterminologia busca demonstrar a visão de mundo de uma cultura por meio do estudo de suas unidades mínimas de significação, isto é, dos vocábulos e termos que expressam os saberes e experiências de determinado povo. No nosso caso, dos itens lexicais que expressam esses saberes em relação aos indígenas surdos.

No contexto dos Guarani-Mbyá, a cosmologia constitui um elemento central da organização social, religiosa e cultural. A fé, os costumes e o cotidiano da comunidade são profundamente atravessados pelos mitos fundadores e pelas crenças tradicionais. Os deslocamentos históricos em busca da "Terra sem males" contribuíram para a constituição da Aldeia Sapukai, formada por famílias que chegaram ao território em diferentes períodos (Litaiff, 1991).

Segundo Borges (2004), Nhamandu ocupa a posição de divindade primordial responsável pela criação do mundo, sendo auxiliado por um colibri (beija-flor) nos atos da criação. Também se destaca a figura de Nhandexy, reconhecida pelos indígenas da Aldeia Sapukai como a deusa-mãe. Na cosmologia Guarani-Mbyá, a ideia de mal não se aproxima totalmente da concepção cristã de diabo ou demônio. O negativo está mais relacionado a forças da natureza que atuam como mecanismos de equilíbrio e punição para aqueles que ultrapassam determinados limites espirituais e sociais estabelecidos pela tradição.

Outro aspecto fundamental dessa cosmologia é a busca pela chamada "Terra sem males", entendida como um espaço pertencente à ordem cosmológica e considerado real pelos que compartilham dessa crença. Essa busca orientou historicamente os deslocamentos territoriais do povo Guarani e continua influenciando seus costumes, práticas culturais e formas de organização social. Nesse contexto, a preservação da língua e das tradições assume papel central, pois ambas constituem critérios fundamentais para definir o pertencimento e a identidade do sujeito Guarani-Mbyá (Borges, 2004).

Essa perspectiva pode ser observada na Aldeia Sapukai, especialmente no que se refere à experiência dos indígenas surdos. Segundo os moradores, existem dificuldades na transmissão dos conhecimentos ancestrais para esses sujeitos, uma vez que grande parte dos ensinamentos culturais ocorre tradicionalmente pela oralidade. Todas as noites são realizadas reuniões de oração dentro das casas, voltadas às divindades da cosmologia Guarani.

Embora haja conhecimento sobre o cristianismo na comunidade, as crenças tradicionais Guarani permanecem predominantes. Durante a visita à aldeia, observamos, tanto nas conversas com os indígenas surdos quanto nos sinais utilizados por eles, a presença de elementos relacionados ao cristianismo, especialmente sinais associados à ideia de divindade. Esses sinais, entretanto, diferenciam-se das entidades presentes na cultura e na cosmologia Guarani-Mbyá, revelando processos de contato cultural e religioso entre diferentes sistemas de crença.

A relação com a sociedade não indígena também se apresenta como um aspecto complexo na realidade da comunidade. Atualmente, essa relação externa se manifesta principalmente no acesso a serviços de saúde e educação oferecidos fora da aldeia.

Exatamente por meio desse entendimento cultural, compreendemos, mesmo que parcialmente, os desafios enfrentados pelos indígenas surdos no acesso pleno aos conhecimentos tradicionais da comunidade. Práticas culturais como a reza, a caça e outros

ISSN 1983-9979
prolíngua

ensinamentos cotidianos são parcialmente transmitidos por meio de gestos, observações e repetições. É inquestionável que a ausência de uma comunicação plenamente compartilhada dificulta a apropriação integral desses saberes, impactando diretamente os processos de preservação cultural e transmissão dos conhecimentos ancestrais entre os sujeitos surdos da Aldeia Sapukai.

6 Sinais produzidos pelos indígenas

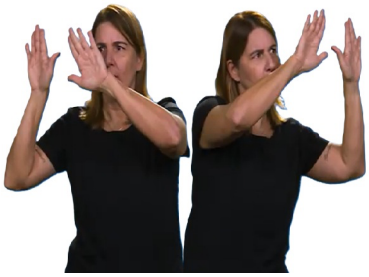
Para a catalogação dos sinais, um aspecto relevante foi o papel das relações sociais na inclusão dos jovens surdos. Destacamos a participação de um indígena ouvinte, amigo próximo do indígena surdo de 21 anos, que demonstrou grande habilidade na utilização dos sinais caseiros e interesse em aprender Libras. Um fato que evidencia como as relações de afeto podem funcionar como importantes redes de apoio e inclusão. Nesse contexto linguístico, o amigo se destaca por conseguir estabelecer comunicação mais fluida com os indígenas surdos, sendo também um importante interlocutor para a compreensão dos sinais emergentes utilizados no cotidiano da aldeia.

Para o presente artigo, coletamos cerca de 19 sinais, dentre os quais listamos: avó, mãe, pai, goleiro, cachorro, passado, futuro, cachoeira (banho de), dia, noite, namorar, deus, diabo, mulher, irmão, festa, estudar, cobra e filho.

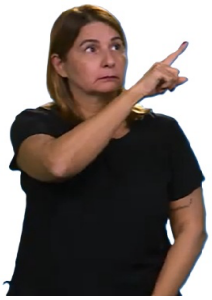
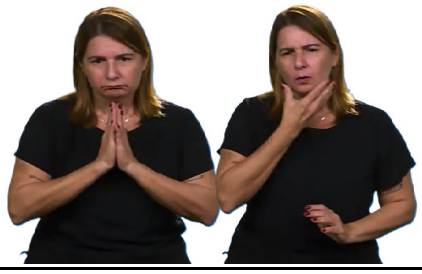
Quadro 1: Sinais coletados e link para visualização

Sinal	YouTube/QR Code
Avó 	https://youtu.be/DJcsgtPq9Fk
Mãe 	https://youtu.be/CYjPylD44SM
Pai 	https://youtu.be/irk3u_8YUAY

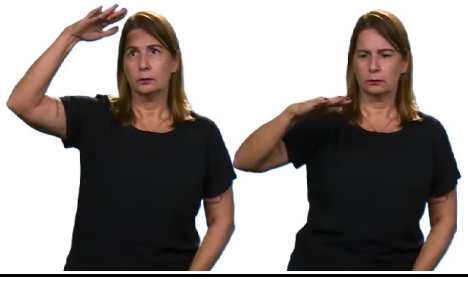
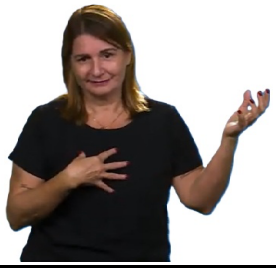
ISSN 1983-9979
prolíngua

Goleiro 	https://youtu.be/EYGyvFJRdMM
Cachorro 	https://youtu.be/VL5jqU811TM
Passado 	https://youtu.be/v1V1unYohok
Futuro 	https://youtu.be/WQUslaE42VI
Cachoeira 	https://youtu.be/bhb0gNY45eM

ISSN 1983-9979
prolíngua

Marcação de dia 	https://youtu.be/4h6IBKx46L4
Marcação de noite 	https://youtu.be/aRiubI1TbrM
Namorar 	https://youtu.be/gBIoxJwG0Ew
Deus 	https://youtu.be/9P9GZSY7BqI
Diabo 	https://youtu.be/Ohqo_e73L4Q

ISSN 1983-9979
prolíngua

Mulher 	https://youtu.be/RmXJaZ4srnw
Irmão 	https://youtu.be/2XvrW1Tnx2Q
Festa 	https://youtu.be/K3GGnTrD26U
Estudar 	https://youtu.be/k15pZGRLUK0
Cobra 	https://youtu.be/Z_wfUa65hLE

Filho 	https://youtu.be/4sani4NJgoE

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A título de exemplificação, inserimos, a seguir, um quadro comparativo dos sinais referentes ao termo “deus”.

Quadro 2: Comparação entre sinais

Sinal/palavra: Deus		
Diferenças	Não há ocorrência de nenhuma similaridade em nenhum dos parâmetros entre os sinais	
Composição do Sinal	sinal composto	sinal simples

Fonte: Baalbaki *et al.* (2026, p. 1221).

Observamos que os sinais são diferentes em sua execução. A realização, entre os indígenas surdos, indica que o sinal referente a “deus” é composto. A sinalização se dá com as duas mãos juntas, palma com palma, posicionadas na vertical, apontadas para cima, em espaço neutro (na altura do peito). Simultaneamente, a cabeça abaixa em direção das mãos, em um movimento de reverência. Em seguida, com a mão dominante aberta, com a palma voltada para cima, aproxima-se a mão do queixo, fazendo um movimento curto e contínuo para baixo, passando o vão entre o dedão e o indicador (ou os dedos) no queixo. Em Libras, por sua vez, “deus” é um sinal morfologicamente simples. Sua realização ocorre no espaço neutro por meio da configuração de mão em "d" (isto é, executada levantando o dedo indicador, enquanto os dedos mínimo, anelar e médio ficam curvados e unidos à ponta do polegar) e movimento para cima. O sinal apresenta orientação da palma para a frente e realiza um movimento retilíneo ascendente (com direção de baixo para cima).

Os sinais produzidos pelos indígenas surdos revelam tanto a inventividade da comunidade quanto a sua necessidade de articular meios comunicativos diante da ausência de uma língua de sinais.

7 Conclusão

A experiência de campo documentou sinais e práticas comunicativas, porém, muito além disso, expôs de maneira contundente os desafios e as potencialidades de se pensar a educação bilíngue indígena a partir da inclusão dos surdos. Dito de outra forma, mais do que um momento de coleta de dados, a experiência se configurou como um encontro profundamente humano e

formativo. A hospitalidade da comunidade, a curiosidade dos jovens surdos e a riqueza das práticas comunicativas observadas reafirmam que a linguagem ultrapassa os limites da oralidade e da escrita: ela também se manifesta no gesto, no corpo, no silêncio e no pertencimento.

A visita nos permitiu compreender a necessidade de políticas linguísticas específicas que considerem o sujeito surdo dentro dos direitos culturais dos povos indígenas. O reconhecimento das línguas indígenas de sinais no interior das aldeias é fundamental para que não sejam vistas como formas inferiores de comunicação, mas como expressões legítimas de identidade, cultura e resistência.

A vivência cultural e linguística dos surdos da Aldeia Sapukai evidencia uma condição de fronteira linguística e cultural: vivem entre o guarani, o português, a Libras e uma língua indígena de sinais. Observamos, portanto, um contexto de multilinguismo, no qual convivem essas línguas de distintas modalidades. Também destacamos a condição de estar entre a aldeia e a cidade; entre os conhecimentos tradicionais e a escolarização urbana. Esse deslocamento diário entre a aldeia e a cidade evidencia os desafios enfrentados pelos indígenas surdos para acessar uma educação bilíngue, que se mostra linguisticamente adequada, no entanto, rompe totalmente com sua vivência cultural. O trânsito constante do "estar entre" produz desafios relacionados ao pertencimento, à escolarização e ao acesso à cultura, mas também revela a capacidade criativa e a resistência desses sujeitos na construção de suas próprias formas de comunicação e significação.

Dessa forma, enfatizamos que o trabalho desenvolvido com os surdos da Aldeia Sapukai ultrapassa os limites da documentação linguística, contribuindo para reflexões mais amplas sobre diversidade cultural, inclusão social e justiça linguística no contexto dos povos originários e das comunidades surdas.

Para o nosso grupo de pesquisa, tratou-se de um chamado à construção de pontes entre mundos, para que esses jovens não precisem escolher entre ser Guarani e ser surdos, mas possam existir plenamente na intersecção dessas duas identidades. Mais do que uma coleta de dados, a visita se configurou como um compromisso ético e afetivo com essas vozes e mãos que, mesmo na margem, resistem, criam e comunicam.

Referências

BAALBAKI, A. C. F.; et al. Apagamento da tradição: os desafios dos indígenas surdos da Aldeia Sapukai na recepção de sua cultura. In: **Actas Completas e Resumos da Jornada Internacional de Iniciação Científica e Extensão Universitária** - JIICEU - 2025. Porto: Editora Cravo, 2026. v. 1. p. 1216-1222.

BRASIL. Decreto s/n de 3 de julho de 1995. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Guarani de Bracuí, localizada no Município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 jul. 1995.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 16 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BORGES, L. C. Cosmologia e sagrado na produção do saber guarani. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 120-132, jul./dez. 2004.

COSTA, E. S.; BEZERRA, E. T. B.; NASCIMENTO, L. R. S. Etnoterminologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras. **LIAMES**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-21, 2022.

FIGUEIRA, M. P. C. **Comunidade surda da fronteira, experiência "compartida"**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse des langues des signes:** étude de langues des signes emergentes (LS ÉMG) pratiquées par des sourds brésiliens. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – École Doctorale Cognition, Langage, Interaction, Universite Paris 8, Paris, p. 416, 2004. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01701214/document. Acesso em: 20 set. 2022

GOLDIN-MEADOW, Susan. ***The resilience of language***: what gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language. New York: Psychology Press, 2003.

GUEN, O.; COPPOLA, M.; SAFAR, J. Introduction: how emerging sign languages in the Americas contributes to the study of linguistics and (emerging) sign languages. In: GUEN, O.; SAFAR, J.; COPPOLA, M. **Emerging Sign Languages of the Americas**. v. 9, Lancaster: Ishara Press, 2020

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LADEIRA, M. I. **Os índios Guarani/Mbyá e o complexo lagunar estuarino de Iguape-Paranaguá**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1994.

LITAIFF, A. **As divinas palavras**: representações étnicas dos Guarani-Mbyá. 1991. 233f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

MOREIRA, G.; MOREIRA, W. C. Calendário cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão Guarani-. **Suplemento Antropológico**, Florianópolis, n. 50, p. 325-379, 2015.

SANTOS, M. R. **O povo da água: a emergência da língua Omágua-Kambeba de sinais, uma descrição multimoda**l. 2023. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

SOUSA, G. F.; ANTUNES, P. R. Etnolinguística: uma breve incursão. **Revista Eletrônica Ágora**, Conselheiro Lafaiete, MG, v. 1, p. 1-10, 2017.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteiras e políticas de línguas**: uma história das ideias linguísticas. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.